

# A CONCORDÂNCIA VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL E A REALIZAÇÃO DE <S> FINAL EM SNS PLURAIS EM FLORIANÓPOLIS E ITAJAÍ/SC: DADOS DE FALA E TEXTOS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

*Izete Lehmkhul Coelho*

Universidade Federal de Santa Catarina/CNPq

*Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott*

Universidade Federal de Santa Catarina

*Patrícia Corrêa Ferminio*

Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC

*Fabricia Silva*

Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC

*Carlos Eduardo de Oliveira Lara*

Instituto Federal de Santa Catarina

## 1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo, reunimos resultados de três pesquisas (FERMINIO, 2017; SILVA, 2014; LARA, 2010), em nível de mestrado, realizadas na Pós-Graduação

em Linguística da UFSC e orientadas pela Prof<sup>a</sup>. Izete Lehmkuhl Coelho. A pesquisadora sempre mostrou interesse pelos fenômenos variáveis da concordância nominal e verbal, desde sua primeira orientação sobre a concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala florianopolitana (MONGUILHOTT, 2001). Ao longo de toda a sua trajetória acadêmica, desenvolveu pesquisas nas linhas de variação e mudança linguística e sociolinguística variacionista, coordenando os grupos de pesquisa VARSUL e PHPB-SC e orientando inúmeros trabalhos a respeito dos fenômenos aqui arrolados. Somos imensamente gratos a nossa homenageada pela dedicação à vida acadêmica e generosidade no compartilhamento do seu conhecimento.

Nesses três estudos aqui reunidos buscamos, inicialmente, na seção 2, evidenciar os resultados da investigação de Ferminio (2017) acerca do fenômeno variável da concordância verbal de terceira pessoa do plural, nas modalidades oral e escrita de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental da Rede Pública de Ensino de Florianópolis e Itajaí. Na seção 3, apresentamos também os resultados do estudo de Silva (2014) em que a autora analisa o fenômeno variável do apagamento do <s> morfológico e fonológico em sintagmas nominais plurais na fala do florianopolitano. Trazemos ainda, na seção 4, uma discussão, apresentada em Lara (2010), acerca dos testes de avaliação subjetiva aplicados na sociolinguística, com foco nos conhecimentos linguísticos de estudantes do curso de Letras e de estudantes de ensino médio.

## 2. A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL EM TEXTOS ESCRITOS E ORAIS DE ALUNOS DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS E ITAJAÍ

Ferminio (2017) investigou o fenômeno da concordância verbal nas modalidades oral e escrita de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental da Rede Pública de Ensino de Florianópolis e Itajaí, provenientes das amostras Brustolin (2009), Agostinho (2013) e Silvano (2016), disponíveis para pesquisas no Núcleo VARSUL da UFSC. A variável dependente investigada, a concordância verbal de terceira pessoa do plural (P6), é composta pelas seguintes variantes: *variante explícita de plural nos verbos* e *variante zero de plural nos verbos*. Seguem exemplos das amostras investigadas na pesquisa para ilustrar a variação na concordância verbal em P6:

- (1) **...esses três dias foi** bem legais... (A15F)<sup>123</sup>
- (2) **...todos foram** embora... (A17M)
- (3) **...meus amigos vai** para a direção... (BEL5M)
- (4) ...Então **Isabela e Rafaela** se falam pelo orkut e pelo MSN. Ø *Vão* ao Shopping e se combinam para brincar. (BEL5F)
- (5) **...chego meu vo e minha vó**... (SB6M)
- (6) **...os amigos da escola dele chegaram**... (SA9M)

Considerando que a aplicação da regra de concordância pode ser determinada por restrições estruturais e sociais, Ferminio (2017) estabeleceu as seguintes variáveis independentes que, baseadas em estudos anteriores (cf. LEMLE e NARO, 1977; RODRIGUES, 1987; VIEIRA, 1995; SCHERRE E NARO, 1998a; SCHERRE E NARO, 1998b; MONGUILHOTT, 2001; PEREIRA, 2004; CARDOSO, 2005; GARCIA, 2005; SCHERRE E NARO, 2006; SCHERRE E NARO, 2007; MONGUILHOTT, 2009; GAMEIRO, 2009 e CHAVES, 2017), podem condicionar a marcação da concordância verbal: (i) presença e localização do SN sujeito; (ii) saliência fônica; (iii) forma de representação do sujeito; (iv) traço humano no sujeito; (v) paralelismo formal; (vi) tipo de verbo; (vii) escola; (viii) escolaridade; e (iv) sexo.

Foram realizadas três etapas das análises estatísticas: (i) na primeira, Ferminio (2017) considerou todos os dados de escrita das três amostras, a fim de analisar frequência, porcentagem e peso relativo; (ii) na segunda, separou os dados de escrita referentes às localidades de Florianópolis (amostra Brustolin, 2009 e amostra Silvano, 2016) e de Itajaí (amostra Agostinho, 2013) e efetuou rodadas estatísticas individuais com o intuito de entender melhor como as variáveis independentes relacionam-se com a variável dependente em cada localidade; (iii) na terceira e última, foram considerados apenas os dados de fala e de escrita das Escola LM e Escola PA, extraídos da amostra Brustolin (2009), a fim de comparar os grupos de fatores que favorecem a marcação de concordância verbal em P6 na fala e na

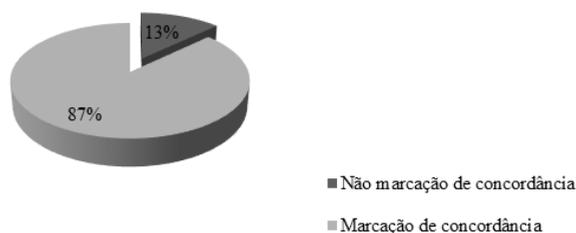
---

<sup>123</sup> No tocante à codificação da amostra, Brustolin (2009) é identificada por B, referente aos fatores sociais, quanto à escola (Escola SS: S, Escola GV: G; Escola LM: L; Escola PA: P); à modalidade (oral: F, escrita: E); à escolaridade (5ª série: 5, 6ª série: 6, 7ª série: 7, 8ª série: 8 [atuais 6º, 7º, 8º e 9º ano]) e ao sexo (F: feminino, M: masculino). Quanto à codificação da amostra, Agostinho (2013) é identificada por A, referente aos fatores sociais; quanto à escola, entende-se: Escola 1: 1, Escola 2: 2; à escolaridade 5ª série: 5, 6ª série: 6, 7ª série: 7, 8ª série: 8 (atuais 6º, 7º, 8º e 9º ano); e ao sexo, entende-se F: feminino, M: masculino. Já a amostra Silvano (2016) é identificada por S quanto aos fatores sociais; referente à escola, entende-se: Escola 1: A, Escola 2: B; à escolaridade 6º ano: 6, 9º ano: 9; e ao sexo F: feminino, M: masculino.

escrita e investigar se a marcação na regra de concordância de terceira pessoa do plural é distinta nas modalidades oral e escrita.

Com relação aos resultados da primeira etapa das análises estatísticas, no total de 1.411 dados de escrita de variação na CV, 1.226 (87%) dados apresentaram marcas de plural nos verbos e 185 (13%) dados, marcas zero. A ordem de relevância estabelecida pelo Programa Goldvarb (2001) foi presença e localização do SN sujeito, saliência fônica, forma de representação do sujeito e traço humano no sujeito. As variáveis sociais e as linguísticas ‘paralelismo formal’ e ‘tipo de verbo’ não foram selecionadas.

**Gráfico 12.1** – Distribuição geral dos dados de escrita em construções com variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural



Fonte: Ferminio, 2017, p. 120.

A variável ‘presença e localização do SN sujeito’ foi a que se mostrou mais relevante. Os resultados corroboram estudos variacionistas anteriores (cf. LEMLE e NARO, 1977; RODRIGUES, 1987; SCHERRE E NARO, 1998a; VIEIRA 1995; MONGUILHOTT, 2001; MONGUILHOTT, 2009; GAMEIRO, 2009 e CHAVES, 2017) que versam sobre a concordância verbal e fornecem indícios de que o sujeito posposto ao verbo em correlação com o sujeito nulo e o SN posposto tem uma forte influência de não concordância verbal em diferentes estratos sociais. Das 980 ocorrências com SN anteposto, 896 (91%) dados com .591 de P.R. apresentavam a aplicação da regra de concordância verbal. No que tange ao sujeito nulo, a ausência do sujeito também favorece a CV em P6 com um alto índice de concordância: das 334 ocorrências, 300 (89%) dados de concordância verbal com .446 de P.R. Ao contrário, o SN posposto favorece a não realização de concordância verbal em P6, das 97 ocorrências, apenas 30 (30%) com .049 de P.R. dos dados apresentam a marcação explícita de plural. Na Tabela 12.1, a seguir, verificamos os resultados aqui apresentados.

**Tabela 12.1** – Frequência e probabilidade de CV nos dados de escrita segundo a variável ‘presença e localização do SN sujeito’

Presença e localização do SN sujeito	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
SN anteposto	896/980	91	.591
SN nulo	300/334	89	.446
SN posposto	30/97	30	.049
<b>Total</b>	<b>1226/1411</b>	<b>87</b>	

Fonte: Ferminio, 2017, p. 124.

A variável ‘saliência fônica’ foi a segunda a ser selecionada por ordem de relevância pelo Programa Goldvarb (2001). É possível perceber que os resultados de Ferminio (2017) vêm atestar o que outros estudos apontam (cf. LEMLE e NARO, 1977; RODRIGUES, 1987; VIEIRA, 1995; SCHERRE E NARO, 1998a; MONGUILHOTT, 2001; PEREIRA, 2004; CARDOSO, 2005; GARCIA, 2005; SCHERRE E NARO, 2006; SCHERRE E NARO, 2007 e MONGUILHOTT, 2009; GAMEIRO, 2009; CHAVES, 2017). Nos verbos em que a oposição entre plural e singular é menos saliente, seria um contexto que restringe a aplicação da regra de concordância verbal (os resultados referem-se às três categorias do nível 1, oposição não acentuada: 74%, .220 de P.R.; 82%, .338 de P.R. e 62%, .109 de P.R. de aplicação da regra de concordância verbal). Em contraposição, quanto mais o verbo no plural se distingue da forma no singular, mais irá favorecer a aplicação da regra de plural (os resultados referem-se às três categorias do nível 2, oposição acentuada: 92%, .497 de P.R. 90%, .623 de P.R. e 94%, .749 de P.R. de aplicação da regra de concordância verbal). Contudo, é preciso destacar que, nesses resultados, a escala hierárquica prevista por Naro (1981) não seguiu a mesma direção, como observamos na Tabela 12.2.

**Tabela 12.2** – Frequência e probabilidade de CV, segundo a variável ‘saliência fônica’

<b>Saliência Fônica</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<b>Nível 1: Oposição não acentuada</b>			
a. não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	32/43	<b>74</b>	.220
b. envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	344/415	<b>82</b>	.338
c. envolve acréscimo de segmentos na forma plural	46/74	<b>62</b>	.109
<b>Nível 2: Oposição acentuada</b>			
a. envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural	39/42	<b>92</b>	.497
b. envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural	655/721	<b>90</b>	.623
c. envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural	110/116	<b>94</b>	.749
<b>Total</b>	<b>1226/1411</b>	<b>87</b>	

Fonte: Ferminio, 2017, p. 129.

‘A variável ‘forma de representação do sujeito’ foi a terceira selecionada pela análise probabilística. Os resultados confirmaram algumas das hipóteses formuladas com base em outros estudos (cf. MONGUILHOTT, 2001; MONGUILHOTT, 2009; GAMEIRO, 2009; CHAVES, 2017), de que as formas de representação do sujeito com SN [+humano], que normalmente estão antepostos ao verbo, influenciam a marcação de CV, diferente das formas de representação do sujeito com SN [-humano], que normalmente se posicionam pospostos ao verbo, influenciando a não marcação de CV. Assim, os resultados revelam que o sujeito pronome pessoal, que normalmente aparece anteposto ao verbo, teve o maior índice de aplicação da regra de plural de concordância verbal, totalizando 342 (95%), no total de 358 ocorrências e PR. de .616. Não se esperava que o sujeito quantificador tivesse um índice tão alto de CV com 81 ocorrências (91%), do total de 89 e .592 de .R., em função da hipótese de que sujeitos dessa natureza tenderiam a aparecer também pospostos aos verbos, favorecendo a marcação de concordância verbal. Logo em seguida, vem o sujeito nulo com 333 ocorrências, sendo que 300 (90%) possuíam a marca explícita de plural. O sujeito + pronome relativo (que) teve um percentual alto de 84% de CV; o sujeito composto apresenta-se com 81% de CV e um P.R. de .324; o sujeito simples, com 79% e .447 de PR.; e o sujeito indefinido, com 75% e .379 de PR. E, por último, o sujeito demonstrativo mostrou os menores índices de marcação de concordância verbal (66%, .126 de PR. de marcação de plural), como podemos verificar na Tabela 12.3, a seguir.

**Tabela 12.3** – Frequência e probabilidade de CV, segundo a variável ‘forma de representação do sujeito’

Forma de representação do sujeito	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Sujeito pronome pessoal	342/358	95	.616
Sujeito quantificador	81/89	91	.592
Sujeito nulo	300/333	90	.558
Sujeito + pronome relativo (que)	45/53	84	.341
Sujeito composto	117/143	81	.324
Sujeito simples	293/369	79	.447
Sujeito pronome indefinido	34/45	75	.379
Sujeito pronome demonstrativo	14/21	66	.126
<b>Total</b>	<b>1226/1411</b>	<b>87</b>	

Fonte: Ferminio, 2017, p. 136.

A variável ‘traço humano no sujeito’ foi a quarta e última a ser selecionada como estatisticamente relevante pelo Programa Goldvarb (2001). Os resultados obtidos confirmam a hipótese formulada a partir de outros estudos que controlaram essa variável (cf. SCHERRE E NARO, 1998b; MONGUILHOTT, 2001; PEREIRA, 2004; CARDOSO, 2005; SCHERRE E NARO, 2007 e MONGUILHOTT, 2009; CHAVES, 2017), de que o SN [+humano] é um importante condicionador do uso da marcação de plural nos verbos. Do total de 1.223 ocorrências, 1.102 (90%) possuem marcação explícita de plural com um PR. de .519. Em contrapartida, em construções com SN [-humano], a probabilidade de concordância é menor, com um total de 188 dados, 124 (65%) ocorrências com concordância verbal e o PR. de .380, como mostra a Tabela 12.4.

**Tabela 12.4** – Frequência e probabilidade de CV, segundo a variável ‘traço humano no sujeito’

<b>Traço humano no sujeito</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
SN [+humano]	1102/1223	90	.519
SN [-humano]	124/188	65	.380
<b>Total</b>	<b>1226/1411</b>	<b>87</b>	

Fonte: Ferminio, 2017, p. 139.

Quanto à segunda etapa da análise estatística, Ferminio (2017) efetuou duas rodadas estatísticas no Programa GoldvarbX, separando os dados referentes às localidades de Florianópolis (amostra Brustolin, 2009 e amostra Silvano, 2016) e de Itajaí (amostra Agostinho, 2013), a fim de comparar os resultados de cada localidade. As variáveis independentes controladas, que se mostraram significativas

nas duas localidades, foram idênticas, tornando evidente que a localidade não interferiu na seleção das variáveis independentes mais significativas. A ordem de relevância estabelecida pelo Programa GoldvarbX foi ‘saliência fônica’, ‘presença e localização do SN sujeito’ e ‘forma de representação do sujeito’.

Ferminio (2017) efetuou, ainda, uma terceira rodada estatística, separando os dados de fala e de escrita das Escola LM e Escola PA, oriundos da amostra Brustolin (2009), com o intuito de comparar os dados de fala e escrita das mesmas escolas. As modalidades oral e escrita apresentaram uma distribuição de marcação explícita de plural semelhante dentro do contínuo de variação linguística, proposto por Bortoni-Ricardo (2004). As variáveis independentes selecionadas como estatisticamente relevantes nos dados de escrita foram ‘saliência fônica’, ‘tipo de verbo’ e ‘presença e localização do SN sujeito’. Quanto aos dados de fala, apenas o grupo de fatores ‘presença e localização do SN sujeito’ mostrou-se relevante.

Vale destacar que tanto os resultados que compararam as localidades de Florianópolis e de Itajaí quanto os resultados que compararam a fala e a escrita se assemelham aos resultados gerais dos dados de escrita das três amostras, referentes à primeira etapa da análise estatística.

### 3. USO VARIÁVEL DO <S> MORFOLÓGICO E FONOLÓGICO PÓS-VOCÁLICO EM SINTAGMAS NOMINAIS PLURAIS NA FALA DO FLORIANOPOLITANO

Nesta pesquisa, Silva (2014) analisou o fenômeno do apagamento do <s> morfológico e fonológico em sintagmas nominais plurais na fala do florianopolitano com o objetivo de estudar um fenômeno de variação linguística da língua portuguesa: o uso variável do <s> morfológico e fonológico em sintagmas nominais (SNs) plurais. Alguns exemplos da amostra da autora ilustram o fenômeno em estudo: (i) com presença de <s> marcador de plural ou fonema, ex.: dos primeiros filhos que (FFB2)<sup>124</sup>, duas vezes (MFA3); (ii) ausência de <s> marcador de plural ou fonema, ex.: essas coisa0 (MFB4), quinhento0 réis (MFA3).

O estudo fundamentou-se no modelo teórico-metodológico da sociolinguística quantitativa ou teoria da variação e mudança linguística, base de todos os trabalhos arrolados neste capítulo. O *corpus* investigado constituiu-se de entrevistas do

---

<sup>124</sup> Os códigos referem-se à estratificação social dos informantes das amostras investigadas pela autora, a saber: sexo (M-masculino; F-feminino); escolaridade (F-Fundamental, U-Universitário); idade (A-mais jovens, abaixo de 55 anos; B-mais velhos, acima de 55 anos) e informante (de 1 a 8 amostra: Varsul; de a a h: amostra Floripa).

banco de dados VARSUL, sendo oito entrevistas da amostra base, coletadas na década de 1990, e oito entrevistas do Banco Floripa, coletadas na década de 2010.

O estudo da realização ou não do <s> morfológico e fonológico pós-vocálico em SNs plurais teve por justificativa contribuir com os estudos da sociolinguística variacionista, uma vez que agrupa dois fenômenos geralmente estudados separadamente, a variação fonológica e morfológica, a fim de verificar se os processos de queda de segmentos finais sofrem influências dos mesmos grupos de fatores e se a variação morfológica interfere na ocorrência da variação fonológica (e vice-versa). Para tanto, foi considerada a variável linguística dependente em rodadas estatísticas, observando a realização ou a queda do <s>.

Foram analisadas nove variáveis linguísticas (estatuto do <s>; processos morfofonológicos de formação de plural; posição do item no SN; categoria da palavra; relação com o núcleo; contexto fonético-fonológico seguinte; marcas precedentes; tonicidade do item; grau dos substantivos e adjetivos; traço humano dos substantivos e adjetivos) e cinco sociais (sexo; escolaridade; idade; informante; amostra) a fim de melhor investigar a variação no uso do <s> em posição final, sendo consideradas sete linguísticas e duas sociais como mais relevantes para a marcação do <s> final em SNs plurais.

Os resultados mostram que, de um total de 1.819 dados analisados nas rodadas estatísticas no programa Goldvarb (2001), ocorreram 1.460 realizações de <s> – tanto morfológicos quanto fonológicos –, que equivalem a 80% dos dados da amostra, e 359 apagamentos de <s>, correspondentes a 20% do total. Esse resultado corrobora estudos anteriores, como Scherre (1988), (1994) e (1998), Fernandes (1996) e Martins (2013).

Através das análises estatísticas, os resultados de Silva (2014) mostraram que as variáveis linguísticas mais significativas foram, em ordem decrescente: ‘processos morfofonológicos de formação de plural’; ‘categoria do item lexical ou classe gramatical do termo do SN’; ‘relação com o núcleo’; ‘contexto seguinte ao item analisado’; ‘marcas precedentes’; ‘grau do substantivo e do adjetivo’ e ‘traço dos substantivos’. Em seguida, as variáveis sociais mais significativas foram ‘escolaridade’ e ‘idade’, e estas foram as duas últimas eleitas como mais significativas.

Quanto aos ‘processos morfofonológicos de formação de plural’ – princípio da saliência fônica –, Silva (2014) observou que as formas mais salientes são as mais propensas a reter a forma marcada de <s> em posição final, enquanto as formas menos salientes apresentam menor número de realização de <s> final.

**Tabela 12.5** – Frequência, percentual e peso relativo de agrupamento das variantes de acordo com as variáveis de processos morfofonológicos de formação de plural

Saliência	Variáveis	Apl./total	% /s/	Apl./total	%/Ø/	PR
+saliente	1 Plural duplo: <i>uns tiques nervosos assim</i> (MUA8) 2 Plural irregular de palavras terminadas em –L: <i>trabalhinhos manuais</i> (FUBh) 3 Plural de palavras terminadas em –ÃO: <i>diversas instituições</i> (FUA6)	51/62	83	11/62	17	0,69
- saliente	4 Plural de palavras terminadas em –R: <i>as cores do clube</i> (FUAd) 5 Plural de palavras terminadas em –S: <i>duas vezes</i> (FFAg) 6 Plural regular: <i>todos os dois</i> (FFA1)	1.273/1.611	80	338/1.611	20	0,49
	Total	1.324/1.673	80	349/1.673	20	

Fonte: Silva, 2014, p.90.

No que se refere à variável ‘categoria do item lexical ou classe gramatical’, os resultados mostraram que não somente o fator classe é influenciador da forma da variante de realização do <s>, a posição que esta classe ocupa também será determinante para a ocorrência da variação, sendo que se comprovou que os numerais conservam bastante o <s> final, por se tratar de um segmento fônico. Os artigos e demonstrativos (que ocuparam a primeira e a segunda posição) apresentaram mais marcação na segunda do que na primeira posição, ainda que em ambas as posições em valores altos. Os adjetivos ocuparam todas as posições do SN e foram mais marcados também na segunda posição. Houve ocorrências de possessivos e indefinidos nas três primeiras posições, ambos com alto percentual de marcação na primeira posição, sendo que todos foram marcados na segunda e menos marcados quando ocuparam a terceira posição. Os substantivos foram categoricamente marcados na primeira posição e apresentaram marcação decrescente, conforme a posição em que se encontravam mais à direita do SN.

**Tabela 12.6** – Frequência e percentual da relação entre categoria do termo do SN e posição linear

Classes	1ª posição	2ª posição	3ª posição	4ª posição	Total
Artigo e Demonstrativo	98% 471/483	100% 22/22	-	-	98% 493/505
Possessivo	97% 28/29	100% 19/19	67% 02/03	-	97% 49/51
Indefinido/ Quantificador	97% 113/116	100% 9/9	25% 2/8	-	94% 124/133
Numeral	94% 79/84	100% 25/25	100% 05/05	-	96% 109/114
Advérbio	67% 06/09	89% 08/09	100% 12/12	50% 01/02	85% 27/32
Adjetivos 1 e 2	80% 08/10	94% 32/34	56% 29/52	58% 07/12	68% 76/113
Substantivo	100% 47/47	66% 488/745	60% 45/75	50% 02/04	67% 582/871
Total	98% 752/778	70% 603/863	62% 95/155	57% 10/18	80% 1.460/1.819

Fonte: SILVA, 2014, p.94.

A variável ‘relação com o núcleo’ evidenciou que existe maior recorrência da marcação de <s> final apenas nos termos dispostos mais à esquerda no SN e antepostos ao núcleo e menor recorrência de marcação se o item estiver mais à direita ou posposto ao núcleo. Observou-se também que os núcleos são mais marcados na primeira posição se comparados à segunda.

**Tabela 12.7** – Frequência, percentual e peso relativo para o grupo de fatores relação com o núcleo

Fatores	Apl./total	% /s/	Apl./total	% /Ø/	PR
Classe nuclear na primeira posição	39/40	98	1/40	2	0,95
Classe não nuclear anteposta ao núcleo na segunda posição	69/71	98	2/71	2	0,80
Classe não nuclear anteposta ao núcleo na primeira posição	716/744	97	28/744	3	0,53
Classe não nuclear posposta ao núcleo na segunda posição	31/39	80	8/39	20	0,45
Classe nuclear na terceira posição	44/72	62	28/72	38	0,44
Classe nuclear na segunda posição	506/765	67	259/765	33	0,42
Classe não nuclear posposta ao núcleo nas demais posições	54/87	63	33/87	37	0,30
Total	1.459/1.818	80	269/1.818	20	

Fonte: Silva, 2014, p.103.

Quanto ao ‘contexto seguinte’ ao item analisado, observou-se que as vogais e as pausas favoreceram a marcação de <s> final, enquanto as consoantes desfavoreceram. Sobre o grupo de fatores ‘marcas precedentes’, pode-se afirmar que houve também nos dados desse estudo a atuação do princípio do paralelismo formal, em que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros, porém observou-se que advérbios e numerais, quando ocupam a primeira posição, influenciam a presença de marcação no item seguinte.

**Tabela 12.8** – Frequência, percentual e peso relativo para o grupo de fatores contexto seguinte

Fatores	Apl./total	% /s/	Apl./total	% /Ø/	PR
Vogal	432/512	85	80/512	15	0,59
Pausa	93/145	65	52/145	35	0,52
Oclusiva (b,p,t,k,g,d)	622/762	82	140/762	18	0,49
Oclusiva (l)	28/35	80	7/35	20	0,48
Nasal (n,m)	171/218	79	47/218	21	0,48
Fricativa (f,v)	94/114	83	20/114	17	0,35
Fricativa (r)	20/33	61	13/33	39	0,05
Total	1.460/1.819	80	359/1.819	20	

Fonte: Silva, 2014, p.108.

A respeito do ‘grau do substantivo e do adjetivo’, os resultados mostraram que o grau normal favorece a marcação de <s> em posição final, enquanto os graus aumentativo e diminutivo desfavorecem.

**Tabela 12.9** – Frequência, percentual e peso relativo de realização e queda de /s/ morfêmico nos diferentes graus do SN – substantivo e adjetivo

Fatores	Apl./total	% /s/	Apl./total	% /Ø/	PR
Normal	656/957	69	301/957	31	0,51
Aumentativo	1/3	33	2/3	67	0,16
Diminutivo	9/33	28	24/33	72	0,15
Total	666/990	67	324/99	33	

Fonte: Silva, 2014, p.115.

Em relação ao ‘traço humano dos substantivos e adjetivos’, ficou evidenciado que os substantivos e adjetivos com traço [+ humano] são favorecedores da realização de <s> final, o que não ocorre com os substantivos com traço [-humano]. Todavia, associou-se esse resultado ao fato de que o traço [+ humano] é um traço discursivamente mais saliente, como propõe Scherre (1988).

**Tabela 12.10** – Frequência, percentual e peso relativo de realização e queda para o grupo de fatores traço humano do substantivo e adjetivo

Fatores	Apl./total	% /s/	Apl./total	% /Ø/	PR
+ humano	196/283	70	87/283	30	0,58
- humano	471/711	67	240/711	33	0,46
Total	667/994	67	327/994	33	

Fonte: Silva, 2014, p.117.

Quanto às variáveis sociais, os mais escolarizados foram os que mais favoreceram a aplicação da regra *presença de <s> em posição final*, confirmando o que dizem os diversos estudos da área da sociolinguística, em que se observa que o nível de escolaridade interfere na escolha do falante em usar formas consideradas de maior prestígio social.

**Tabela 12.11** – Frequência, percentual e peso relativo para o grupo de fatores escolaridade

Variáveis	Apl./total	% /s/	Apl./total	% /Ø/	PR
Mais escolarizados	865/982	89	117/982	11	0,65
Menos escolarizados	595/837	72	242/837	28	0,31
Total	1.460/1.819	80	359/1.819	20	

Fonte: Silva, 2014, p.120.

O grupo dos mais jovens também apresentou maiores valores de conservação de <s> final quando comparado ao grupo dos mais velhos. Dessa forma, os resultados apontaram para a direção inversa à que os estudos sociolinguísticos têm mostrado.

**Tabela 12.12** – frequência, percentual e peso relativo para o grupo de fatores idade

Variáveis	Apl./total	% /s/	Apl./total	% /Ø/	PR
Mais jovens (A)	646/887	87	241/887	13	0,65
Mais velhos (B)	814/932	72	118/932	28	0,34
Total	1.460/1.819	80	359/1.819	20	

Fonte: SILVA, 2014, p.121.

No estudo de Silva (2014), como a investigação controlou apenas quedas fonêmicas de /s/ em SNS plurais, a hipótese é de que houve perda de muitos dados em outros contextos, tais como em expressões de uso do pronome pessoal **nós** e interjeições como *Me Dei do Céu!*, *Filme três D*, *Mai nada*. Sendo assim, a autora sugere que, para que se possa descrever com mais detalhes o perfil dessa variação na fala do florianopolitano, os contextos de análise sejam ampliados.

#### 4. SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL: UMA TEORIA CRÍTICA?

Lara (2010), em sua dissertação intitulada *O preconceito às avessas na linguagem: um estudo da variação linguística*, teve alguns objetivos distintos, porém todos com a intenção de conhecer melhor a discriminação benigna (o que, no título da dissertação, é referenciado como preconceito às avessas). O autor partiu da hipótese de que a Sociolinguística, especialmente suas aplicações ao ensino, tem impactos transformadores no modo como os sujeitos avaliam fenômenos linguísticos. Isto é, trabalhar dados e conceitos sociolinguísticos com os estudantes pode fazer com que este grupo passe a compreender a naturalidade das diferentes manifestações linguísticas, atenuando possíveis preconceitos advindos de avaliações sociais extralinguísticas.

Entre os objetivos, o principal se deteve na estimativa de investigar se o contato com os conhecimentos advindos da Sociolinguística faria com que houvesse uma redução de estigma em testes de avaliação subjetiva. Logo, testes que avaliavam o mesmo fenômeno foram aplicados a dois grupos: i) estudantes de ensino superior, graduados em Letras, com conhecimento em Linguística e ii) estudantes de ensino médio. Um desses testes será detalhado nesta seção.

Para desenvolver tal tema, a fundamentação teórica abrigou desde conceitos sociológicos sobre a discriminação benigna até a revisitação de textos estruturantes da Sociolinguística (incluindo documentos de entrevistas com Labov (1997)), com a intenção de perceber se a ideiação crítica e transformadora restava presente em tais materiais. Na ocasião, a comparação se dava entre o preconceito às avessas (ou discriminação benigna) com a Sociolinguística Educacional (devido a seu potencial transformador). Agora, é possível vislumbrar os impactos sociais da Sociolinguística Educacional não apenas com efeitos afirmativos na diminuição de preconceitos linguísticos, mas também como uma Teoria Crítica. Teorias críticas são estudos que transcendem os aspectos meramente reflexivos e são potencialmente transformadores do meio social. Ambas, Sociolinguística Educacional e Teoria Crítica, são melhor esmiuçadas a seguir.

Podemos dizer que a Sociolinguística Educacional é a área aplicada da Sociolinguística e vários autores a denominam de formas distintas (Sociolinguística Aplicada, uma outra possibilidade), porém Bagno (2007) e Bortoni-Ricardo (2004), que são pesquisadores da área, por exemplo, usam o referido termo.

É necessário que se faça a distinção entre as áreas da Sociolinguística para o melhor entendimento de cada uma delas. A principal segmentação se dá em dois subgrupos: (i) estudos variacionistas e (ii) estudos aplicados. Disso, decorrem

as duas subáreas: (i) Sociolinguística Paramétrica, devido à confluência com o gerativismo; e (ii) Sociolinguística Educacional (SE). Enquanto a primeira é responsável pelo arcabouço formal que dá sustentação à compreensão de como ocorrem os processos de variação e mudança na língua, a segunda se centra em como aplicar tais conhecimentos de modo que reverberem nas práticas de ensino de língua. Logo, a aplicação de uma sociolinguística só é possível devido aos estudos variacionistas, pois vem deles o entendimento estrutural de como a língua varia e muda, ou seja, os estudos variacionistas desenham o panorama formal, do qual é possível discernir que tais processos pertencem à natureza da língua, assim como têm seus lastros em fenômenos sócio-históricos. Bagno (2008) já aponta nesse sentido: “É inegável que a sociolinguística variacionista tem fornecido suporte empírico para o combate às construções ideológicas que se apoiam nas diferenças linguísticas como pretexto para suas políticas de discriminação e de exclusão social” (p.9). Já no que se refere à aplicação dos conhecimentos sociolinguísticos, Saville-Troike (1989) hipotetiza que tais transformações poderão ser vistas pelas próximas gerações.

A aplicação dos conhecimentos sociolinguísticos causa um grande impacto nas aulas de língua, assim como nos debates públicos sobre como devem ser as aulas de português, no caso do Brasil. Em virtude disso, por exemplo, em 2011, o caso do livro didático que polemizou na mídia ao gerar manchetes falaciosas como “Livro adotado pelo MEC defende falar errado”<sup>125</sup> e “MEC distribui livro que aceita erros de português”<sup>126</sup> mostra que há um descompasso entre o conhecimento produzido pelas Universidades e a comunicação com a comunidade.

Muito provavelmente essa reação da comunidade leiga às aplicações de conhecimentos sociolinguísticos nas práticas de ensino já são indícios do potencial crítico e transformador da SE. Então, por que não a concebermos como uma teoria crítica?

Antes de delinear o que é a Teoria Crítica e seus objetivos transformadores das normas sociais, vale trazer um breve percurso histórico sobre a Escola de Frankfurt (EF), berço de tal estudo.

A EF, originada em 1920, é um instituto de pesquisas sociais cujos objetivos iam da concepção do processo social a partir de análises reflexivas à elaboração de arcabouços teóricos críticos sobre como intervir e fazer a diferença dentro de

---

<sup>125</sup> Manchete e matéria disponível em: <https://www.estadao.com.br/noticias/geral,livro-adotado-pelo-mec-defende-falar-errado,718471.amp>. Consulta em 19/09/2021.

<sup>126</sup> Manchete e matéria disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/mec-distribui-livro-que-aceita-erros-de-portugues-2789040>. Consulta em 19/09/2021.

um sistema social já dado. Nesse sentido, vale destacar o pensamento de Max Horkheimer de que “(...) não se deve mais apenas criticar o estado das coisas existentes, mas fazer a intervenção contra a opressão e a exploração, subvertendo as práticas teóricas puramente reflexivas”. (HUISMAN, 2004, p. 509)

Max Horkheimer esclarece alguns conceitos que facilitam a compreensão sobre as questões sociais, especialmente sobre as questões de cultura de massa dentro de sistemas capitalistas. Assim, ele teoriza sobre a ideia de razão instrumental, pela qual o homem opera dentro das sociedades de forma mecânica e tecnicista, cumprindo um papel como um meio para alcançar determinado objetivo. Para Horkheimer, o indivíduo, dentro dessa lógica instrumentalista, dissolve-se dentro do todo social.

A Teoria Crítica, assim, passa a designar uma compreensão dos processos sociais para uma posterior intervenção transformadora da sociedade. A intenção é fazer com que os conhecimentos produzidos não tenham um viés estritamente positivista, restando apenas o acúmulo de dados, como se fosse para uma retroalimentação da própria academia. A intenção é torná-los peças que constituirão uma transformação, emancipando os sujeitos agora conscientes do sistema no qual estão inseridos. Labov (1997), quando questionado a respeito de sua pesquisa sobre o *Black English Vernacular* (BEV), já mostra que a preocupação com as questões sociais estava no cerne da Sociolinguística.

Chegamos à conclusão de que havia grandes diferenças entre os padrões de fala de negros e brancos, mas que a principal causa do fracasso na leitura foi a desvalorização simbólica do inglês vernacular afroamericano, que vinha de uma parte do racismo institucionalizado de nossa sociedade, e previa o fracasso escolar para aqueles que o utilizaram. (...) Eu escrevi um artigo chamado *The Logic of Nonstandard English*, que defendeu a língua materna da comunidade negra como perfeitamente adequada para o pensamento lógico e da aprendizagem. (LABOV, 1997, tradução nossa)<sup>127</sup>

Evidenciamos que a língua, por ser também um fenômeno cultural, pode e deve entrar na mesma lógica em que outros fenômenos culturais estão inseridos, na ótica da Teoria Crítica. Assim, a SE, ao propor práticas de ensino que revelem os conhecimentos sociolinguísticos aos estudantes, fazendo com que estes enxerguem o fenômeno linguístico com a natureza que lhe é própria, e compreendendo os preconceitos linguísticos como reflexos das hierarquias estruturantes da sociedade, encaixa-se potencialmente como interventora social e como subversiva das

---

<sup>127</sup> Não há número de página na citação, pois foi retirada de um texto de Labov, não paginado, que o autor enquadra como “um ensaio que escrevi para uma publicação de 1987 dirigida a estudantes de graduação, que continha várias respostas à pergunta: como você entrou no campo de trabalho escolhido?”.

noções linguísticas padronizantes dadas como normais. Esse fato possibilita o enquadramento da SE também como uma teoria crítica, ao lado de muitos outros postulados já desenvolvidos, como os estudos de gênero ou os estudos raciais, por exemplo.

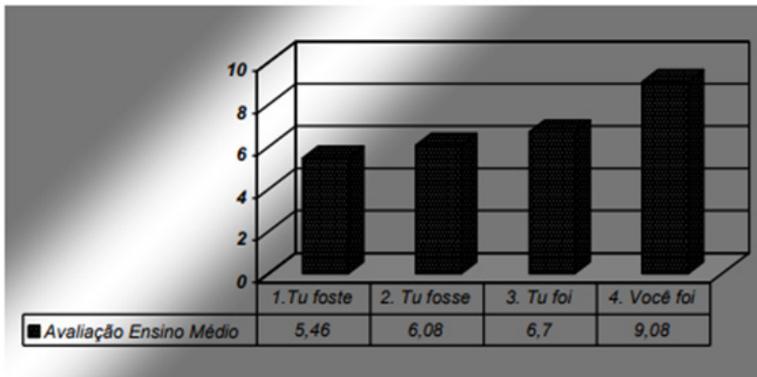
Outro ponto que deve ser esclarecido é o fato de haver uma crítica, por parte das ciências aplicadas, aos estudos formais de que estes não intervêm nas esferas sociais. A SE está colocada justamente para desmentir tal falácia: sem o formalismo e os estudos de variação e mudança, não há terreno para a criação de aportes teóricos aplicados, que são próprios da SE, assim como para a confecção de materiais didáticos que visam a outras práticas de ensino. Ou seja, há uma dependência teórica do formalismo que não deve ser ignorada nem relegada a um segundo plano, uma vez que é através dos dados revelados por estudos variacionistas que se dão os próximos passos rumo à aplicação prática e à reflexão crítica sobre os processos de variação e mudança.

Entre os testes de avaliação aplicados em Lara (2010), um deles teve como foco compreender como a alternância entre os pronomes **tu** e **você** era analisada. Os entrevistados (que compuseram um grupo de 92 pessoas) tiveram que atribuir uma nota de 0 a 10 para sentenças que apresentavam o fenômeno em variação (onde 0 representava estigma e 10 representava prestígio). As 4 sentenças analisadas foram:

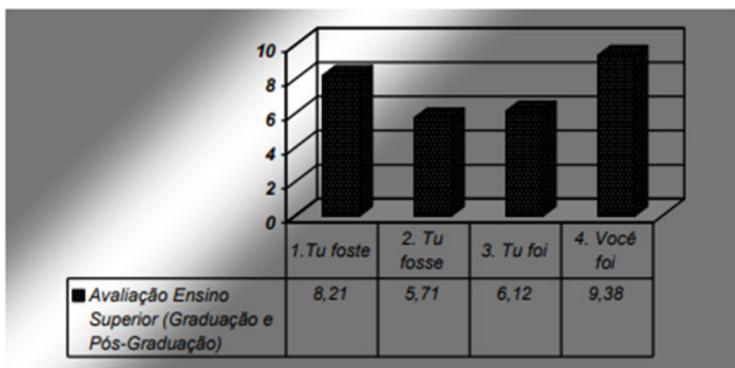
- (7) **Tu foste** alguém que me fez crescer.
- (8) **Tu fosse** na loja no dia da inauguração?
- (9) **Tu foi** em frente e eu não conseguia tirar o olho.
- (10) **Você foi** na direção oposta.

Figura 12.1 – Avaliação dos Ensinos Médio e Superior.

**Avaliação Ensino Médio**



**Avaliação Ensino Superior (Graduação e Pós-Graduação)**



As diferentes avaliações entre o grupo de alunos de Ensino Médio (EM) e de Ensino Superior (ES) apontaram que há uma preferência em avaliar positivamente as construções mais canônicas. Conforme Lara (2010):

A maior discrepância entre as notas dadas pelos informantes do EM e do ES foi no que compete à realização ‘tu foste’. Enquanto a avaliação do EM foi 5,46, mostrando neutralidade, a avaliação pelos 99 informantes dos cursos de graduação em letras e pós-graduação em linguística ficou em 8,21, indicando prestígio. Os alunos do EM consideraram a frase com o ‘tu foste’ a menos prestigiada, já os do ES consideraram a mesma frase como a segunda mais prestigiada. As outras realizações obtiveram avaliações semelhantes, e o uso de ‘você foi’ permaneceu com maior prestígio em ambos os níveis de escolaridade. (p.99)

Como resultado, houve tênues diferenças entre o modo de avaliação linguística por parte dos dois grupos em questão. Isso significou que, embora o segundo grupo possuísse conhecimentos sobre estudos e discussões da sociolinguística, o fato de

ele estar inserido dentro de uma estrutura social maior acabava prevalecendo. Em outras palavras, a maneira de detectar e reconhecer fenômenos estigmatizados é bem similar entre quem possui contato teórico com a sociolinguística e quem não o possui, com uma diferença muito pequena que apontou uma atenuação do estigma por parte do primeiro grupo. Ressalva-se que os testes foram aplicados em 2010 e que hoje, com o amadurecimento das discussões, podem resultar diferentes.

Embora os resultados dos testes de avaliação aplicados por Lara (2010) não apontem que o conhecimento sociolinguístico tenha causado mudanças significativas na maneira como os sujeitos avaliam diferentes fenômenos linguísticos, não se pode ignorar que tais transformações são paulatinas e devem ser observadas em gerações futuras. Tampouco se pode ignorar o potencial transformador das teorias sociolinguísticas na compreensão e dissolução de preconceitos sociais que incidem sobre a língua.

## 5. PALAVRAS FINAIS

Neste capítulo, trouxemos resultados de três estudos acerca dos fenômenos variáveis da concordância nominal e verbal, respaldados no quadro teórico da sociolinguística variacionista e da sociolinguística educacional.

Em Ferminio (2017) e Silva (2014) temos aproximações entre as variáveis que se mostraram relevantes no condicionamento dos fenômenos investigados, como a saliência fônica e o traço humano do sujeito.

Em ambos os estudos, os itens mais salientes apresentaram tendência em preservar as marcas de concordância em nomes e verbos. Além dessa tendência, os sujeitos mais humanos também condicionaram os traços de concordância em nomes e verbos. As duas variáveis confirmam a mesma tendência já comprovada em diversos estudos acerca dos fenômenos investigados (cf. LEMLE e NARO, 1977; RODRIGUES, 1987; VIEIRA, 1995; SCHERRE E NARO, 1998a; MONGUILHOTT, 2001; PEREIRA, 2004; CARDOSO, 2005; GARCIA, 2005; SCHERRE E NARO, 2006; SCHERRE E NARO, 2007; MONGUILHOTT, 2009; GAMEIRO, 2009; CHAVES, 2017).

Lara (2010) evidencia um teste subjetivo aplicado com estudantes de ensino médio e estudantes de ensino superior que avalia o prestígio ou o estigma da relação de concordância verbal com os pronomes de segunda pessoa do singular **tu** e **você**. Os resultados apontam uma diferença mais marcada entre esses dois grupos para a forma **tu foste**, enquanto os estudantes de ensino médio avaliam a forma como estigmatizada. Os estudantes de ensino superior da área de Letras e Linguística a avaliam como prestigiada, o que pode indicar, a longo prazo, que o

grupo que teve contato com os conhecimentos da sociolinguística pode apresentar tendência em estigmatizar menos as diferentes variedades de uso da língua.

Nas três pesquisas, fica clara a importância dos estudos de variação e mudança em diferentes frentes, seja na descrição de fenômenos linguísticos, como os de concordância verbal e nominal apresentados em Ferminio (2017) e Silva (2014), seja na elaboração de aporte teórico prático, respaldado na Sociolinguística Educacional, a partir de testes subjetivos apresentado em Lara (2010).

## REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo Parábola Editorial: 2004.
- CARDOSO, R. C. *Variação na concordância verbal no indivíduo: um confronto entre o linguístico e o estilístico*. 2005. 126f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2005.
- CHAVES, R. G. *A redução/desnasalização de ditongos nasais átonos e a marcação explícita de CVP6: um estudo de correlação*. 2017. 359f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- FERNANDES, M. *Concordância Nominal na Região Sul*. 1996. 143f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.
- FERMINIO, P. *A variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural em textos escritos e orais de alunos das séries finais do ensino fundamental da rede pública de ensino de Florianópolis e Itajaí*. 2017. 211 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- GAMEIRO, M. B. *A variação da concordância verbal na terceira pessoa do plural em redações escolares do ensino fundamental e médio*. 222 f. Tese de Doutorado, UNESP, São Paulo, 2009.
- GARCIA, S. O. *A concordância verbal em redações de vestibular*. 2005. 116f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, 2005.
- HORKHEIMER, M. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In: BENJAMIN, Walter, HORKHEIMER, Max, ADORNO, Theodor W., HABERMAS, Jürgen. *Textos*

*escolhidos*. (Col. Os Pensadores, Vol. XLVIII). São Paulo, Abril Cultural, 1983. P 117-161.

HUISMAN, D. *Dicionário dos filósofos*. Tradução: Cláudia Berliner et alii. São Paulo: Martins Fontes, 2001

LABOV, W. *Sociolinguistics Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972

LABOV, W. Texto autobiográfico de Labov: *How I got into Linguistics, and what I got out of it*. 1997 Disponível em: <http://www.pbs.org/speak/speech/sociolinguistics/labov/> Acesso em: agosto de 2010.

LARA, C. E. O. *O preconceito às avessas na linguagem: um estudo da variação linguística*. 2010. 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

LEMLE, M.; NARO, A. J. *Competências básicas do português*. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) e Fundação Ford, 1977.

MARTINS, F. S. *Variação na concordância nominal de número na fala dos moradores do Alto Solimões (Amazonas)*. 2013. 239p. Tese (Doutorado em Linguística), UFSC, Florianópolis, 2013.

MONGUILHOTT, I. de O. e S. *Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos*. 2001. 109 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

MONGUILHOTT, I. de O. e S. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE*. 2009. 229 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*. LSA, 57(1):63-98, 1981.

PEREIRA, D. C. *Concordância verbal na língua falada nas trilhas das bandeiras paulistas*. 2004. 116 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

RODRIGUES, Â. C. de S. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. São Paulo, 1987. 323 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

SAVILLE-TROIKE, M. *The Ethnography of Communication*. Oxford, England Blackwell Publishers: Oxford & Cambridge. Second Edition, 1989

SCHERRE, M. M. P. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) – Norma e Variação do Português*. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 1994.

SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância de número no sintagma nominal em português*. 1988. 555p. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SCHERRE, M. M. P. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: SCHERRE, Maria Marta Pereira & SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. *Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Fonologia, UFRJ, 1998.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português. *Fórum Linguístico: Pós-Graduação em Linguística*, UFSC. Florianópolis: (45-71), 1998a.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: Giovanni Ruffino. (Org.). *Dialetologia, Geolinguística, Sociolinguística (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza)*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998b, v. 5, p. 509-523.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. *Scripta* (PUCMG), Belo Horizonte - PUCMINAS, v. 9, n.18, p. 109-131, 2006.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. *Sobre o deslocamento do controle da concordância verbal*. *Linguística* (PPGL/UFRJ), v. 3, p. 133-159, 2007.

SILVA, F. *Uso variável do /s/ morfêmico e fonêmico pós-vocálico em posição final de sintagma nominal plural na fala do florianopolitano*. 2014. 135 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

VIEIRA, S. R. *Concordância verbal: variação em dialetos populares do Norte Fluminense*. 1995. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.